

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA CRIAÇÃO TRADICIONAL: NOVAS ALTERNATIVAS PARA A GRAVURA EM METAL

SILVA, Daniele Moraes da¹; GUEDES, Thiago Matheus Costa²; MONTAGNA, Eduardo da Silveira³; WENDT, Kelly⁴; POHLMANN, Angela Raffin⁵

¹Acadêmica do curso de Bacharelado em Artes Visuais (CA/UFPEl)/bolsista PIBITI/CNPq, danimoraes1987@yahoo.com.br; ²Acadêmico do curso de Bacharelado em Artes Visuais (CA/UFPEl)/bolsista PIBIC/UFPEl/CNPq, cstguedes@gmail.com; ³Servidor técnico-administrativo (CA/UFPEl), eduardo.montagna@gmail.com; ⁴Pesquisadora (CA/UFPEl), kelly.wendt@hotmail.com; ⁵Professora do Centro de Artes/UFPEl, redemoinho@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A prática da gravura, com todo seu trabalho minucioso e delicado, é para nós gravadores, um processo fascinante. A cada impressão, mesmo que o resultado seja de certa forma esperado (pelo fato de conhecermos a imagem que está gravada na matriz), surgem sutis diferenças e acontecimentos imprevistos na imagem impressa que se constituem em verdadeiras surpresas no momento em que retiramos o papel da prensa. O ato de gravar e imprimir “faz parte de uma rede ilimitada de relações inapreensível pela linguagem” (BUTI & QUADROS, 2002). Esta é somente uma das razões que nos encanta neste meio e que faz com que continuemos não apenas a seguir com a práxis artística, mas também nos estimula a buscar novos métodos para inovar as possibilidades e procedimentos gráficos. Através da pesquisa *A Gravura em Novas Bases: bases acrílicas como alternativas não-tóxicas para a gravura em metal* estamos investigando formas alternativas de gravar e imprimir, ampliando os meios de realização de imagens no meio gráfico a partir de testes e experimentos feitos com materiais alternativos e procedimentos ecológicos.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no ateliê de gravura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CA-UFPEl), e partiu de outras pesquisas já realizadas neste ateliê e em outras partes do Brasil e do mundo (BOEGH, 2003; FERRER, 2004; GREEN, 2002; HOWARD, 1998; POHLMANN, 2005, 2009; SANTTOS, 2003; URBANO, 2001). Nosso objetivo é agregar recursos tecnológicos (inovadores e sustentáveis) à prática de uma técnica antiga e que apresenta alto risco em seus procedimentos tradicionais, tanto ao meio ambiente quanto à saúde dos próprios artistas.

Partimos do princípio de que a gravura é uma tecnologia e conseqüentemente tende à transformação e ao seu aprimoramento. Concordamos com Marco Buti e Anna Letycia Quadros (2002), dois grandes gravadores brasileiros contemporâneos, para quem “a gravura não é uma linguagem estagnada, [pois] novas possibilidades foram e continuam sendo incorporadas” aos recursos existentes.

Não há aqui, de forma alguma, o interesse em abdicar das técnicas tradicionais nem da linguagem gráfica específica produzida através das matrizes de metal. De modo que passamos a explorar, nesta pesquisa, novos materiais e processos menos tóxicos para continuar realizando gravuras. Acreditamos que os procedimentos aqui apresentados possam contribuir para o aprimoramento da gravura ao adicionar novos materiais e inovadores modos de fazer aos processos já existentes, utilizados pela maioria dos artistas gravadores.

Na introdução do livro “Gravura em Metal” (2002) Marco Buti e Anna Letycia comentam que estamos vivendo um momento de desenvolvimento técnico, mas também sócio-cultural. Assim como aconteceu no surgimento de processos fotográficos a partir dos processos gráficos, esse pode ser também o caso das atuais inovações no campo da gravura. Estas escolhas não são neutras, pois correspondem a um conceito de arte. As opções, no plano técnico, “por determinados instrumentos, pela experimentação com certos materiais, por meios foto-mecânicos ou artesanais”, ou pela combinação de tudo isto, revela “posturas estéticas e políticas, um lugar no tempo e no espaço, um pensar, um sentir” (BUTI & QUADROS, 2002). Os autores comentam estes aspectos históricos, afirmando que:

Existem registros de maneiras de gravar usadas especificamente para a cópia e multiplicação de imagens, antes do advento da fotografia. Esta função é hoje secundária. O sentido de fazer uma imagem potencialmente múltipla agora, quando a reprodução e o simulacro se tornaram regra, é inteiramente distinto de épocas em que a gravura era a única imagem com tais características.

Atualmente a utilização de meios tecnológicos (softwares, programas gráficos de computadores, impressoras e scanners, plotagens, projeções, câmeras fotográficas digitais com eficientes recursos de reprodução e reapresentação de imagens) no desenvolvimento de criações artísticas tornou-se aplicável como recurso para a execução de novos meios de expressão.

Partindo da ideia de que ‘inovação’ compreende uma transformação, ou seja, um aprimoramento do já existente, é notório o fato que devido às mais variadas transformações cotidianas há uma necessidade de adaptação ao mundo contemporâneo. E isto se aplica também à arte contemporânea, que tende cada vez mais a se adaptar à imensa inovação proposta pelas mais recentes tecnologias.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Dentre as novas alternativas para a gravura em metal que o grupo está experimentando, estão os filmes fotopolímeros, que possuem uma película sensível à luz. É possível fazer a gravação de qualquer imagem sobre eles, sejam fotografias, fotocópias, desenhos feitos à mão ou até mesmo imagens realizadas com o uso do próprio corpo, por exemplo, a palma da mão coberta de tinta e marcada sobre o acetato. A transferência de tais imagens é feita por gravação através de uma mesa de luz UV (ultravioleta). Para que essa gravação seja possível, primeiramente devemos laminar o filme fotopolímero sobre a placa de metal. Logo, fazemos a gravação com luz. E, em seguida, revelamos a imagem na placa, colocando-a em uma solução composta de carbonato de sódio e água. Depois da gravação e revelação da imagem, podemos entintar diretamente sobre a película fotossensível e imprimir manualmente conforme o processo tradicional de impressão. Neste processo conseguimos substituir os materiais tradicionais e de maior toxicidade da gravura em metal por outros menos tóxicos.

Outro procedimento que também testamos, nesta pesquisa, foi o uso do ferro elétrico, utilizado aqui para transferir uma imagem fotográfica para a placa de metal. Nesta experiência, o uso de meios tecnológicos é indispensável: uma impressão a laser de qualquer imagem sobre uma folha de papel poliéster. A seguir passamos para o processo de transferência da imagem que se dá da seguinte maneira: primeiramente, a placa de metal deve ser polida para eliminar qualquer resíduo da

superfície. Em seguida colocamos a imagem em contato com a placa. E, finalmente, pressionamos sobre ambas o ferro elétrico (em alta temperatura) até que a imagem seja transferida do papel para o metal. Após essa transferência, a gravação da imagem é feita com a utilização do perclorato de ferro, líquido este que substitui o agressivo ácido nítrico utilizado no processo tradicional (Fig. 1).



Figura 1: Imagem impressa e matriz de metal: transferência da imagem fotográfica

Até o momento, estamos utilizando exclusivamente imagens fotográficas. Por isso, caberia estabelecermos aqui uma breve relação entre a gravura e a fotografia. Conseguimos perceber que ambas desempenham (praticamente) o mesmo papel: através destas duas técnicas é possível fazer o registro de uma imagem e reproduzi-la quantas vezes se achar necessário. Obviamente, o tempo utilizado em todo o processo manual na gravura até chegarmos à gravação da placa de metal e impressão da imagem é muito maior do que o tempo aplicado para capturarmos uma imagem com a câmera fotográfica. Porém, o resultado obtido através da gravura é mais satisfatório para nós devido ao ineditismo dos elementos gráficos surgidos na impressão, elementos estes que não são possíveis por meio apenas da fotografia impressa.

Esperamos que estas substituições de materiais e procedimentos alternativos não-tóxicos na gravura em metal possam aportar resultados tão satisfatórios quanto os obtidos através dos métodos tradicionais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de diminuir ou até mesmo eliminar os riscos causados pelos materiais e procedimentos tradicionais da gravura em metal, estamos testando e verificando a eficácia de processos e materiais alternativos menos tóxicos, para que a nossa e as futuras gerações de gravadores possam dar continuidade à prática da gravura. Além disso, a partir da divulgação dos resultados obtidos com estes novos procedimentos, esperamos contribuir com uma diversificada gama de possibilidades e inovadores recursos técnicos na área da gravura artística provenientes destas experiências. Nossas experiências lidam o tempo inteiro com associações entre o tradicional e o inovador. A todo instante buscamos nos procedimentos contemporâneos não-tóxicos uma forma de transformar os procedimentos clássicos, seja na substituição dos materiais ou na própria técnica empregada.

Os dois processos práticos apresentados neste resumo recebem o nome de fotogravura, pois foram utilizadas imagens fotográficas para serem gravadas tanto na película fotossensível quanto na placa de metal.

Seria então o caso de imprimirmos diretamente uma fotografia para obtermos tal imagem? E assim economizarmos tempo e trabalho utilizando a praticidade cotidiana ‘característica da contemporaneidade’? Declaramos que não! Pois só conseguimos obter tais imagens com suas características específicas através das técnicas mencionadas. A linguagem gráfica que é produzida através das matrizes gravadas, entintadas e impressas manualmente, nos gratifica e faz com que prossigamos na criação de imagens por meio da gravura em metal.

4 CONCLUSÃO

Através da inclusão de materiais alternativos não-tóxicos e de novos procedimentos na prática da gravura em metal esperamos contribuir para preservar o meio ambiente e a saúde dos artistas que lidam com produtos insalubres e tóxicos. Os materiais alternativos aqui descritos para o desenvolvimento do processo artístico são encontrados com maior facilidade de acesso do que os materiais tradicionais usados na gravura. Seguiremos dando continuidade a este estudo, a fim de inovar e aprimorar os experimentos de acordo com as transformações vigentes no mundo contemporâneo.

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil) pelo apoio concedido às pesquisas que deram origem a este texto.

5 REFERÊNCIAS

BOEGH, Henrik. **Handbook of Non-toxic Intaglio Acrylic Resist Photopolymerfilm & Solar Plates Etching**. Copenhagen: Narayana Press, 2003.

BUTI, Marco & QUADROS, Anna Letycia. **Gravura em metal**. São Paulo: EDUSP, 2002. Também disponível em: <<http://www.artebr.com/marcobuti/te1.html>> Acesso em: 08 abr. 2011.

FERRER, Eva Figueras (Org.). **El grabado no tóxico: nuevos procedimientos y materiales**. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2004.

GREEN, Cedric. **Green Prints. A Handbook on some new methods for safe intaglio etching and metal plate printmaking**. Sheffield: Ecotech Design, 2002.

HOWARD, Keith. **Non-toxic Intaglio Printmaking**. Canada: Printmaking Resources, 1998.

POHLMANN, Angela. “Métodos alternativos para a gravura: uma experiência em Barcelona.” In: **Boletim do Núcleo de Gravura do RS**. Porto Alegre: Núcleo de Gravura do RS, n.12, 2005. Disponível em: <<http://www.vanet.com.br/nucleogravura/RS/Boletim12.htm>> Acesso em: 18 jun.2010.

RUSH, Michael. **Novas Mídias na Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTTOS, Márcia. “A gravura como expressão plástica: um estudo da aplicabilidade do acetato como suporte de gravura em côncavo”. In: **Cadernos de [gravura]** – n.1, maio de 2003. Publicação periódica on-line em parceria com o Grupo Gravura. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/cpgravura/cadernosdegravura/downloads/GRAVURA_1_maio_2003_parte_2.pdf> Acesso em: 12 abr. 2010.